

Do UFBA EM CAMPO à ACC: um olhar crítico com toques de saudosismo

Resumo: O ensaio trata da criação do programa UFBA EM CAMPO, capitaneado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia, e seus desdobramentos para a pesquisa, o ensino e a extensão nesta universidade. Também se debruça sobre a substituição deste programa de extensão por um componente curricular: a Atividade Curricular em Comunidade. Busca-se analisar de modo crítico o Programa UFBA EM CAMPO/ACC, ressaltando seu papel central para uma concepção de Universidade que prioriza o trabalho conjunto com a sociedade, focando nos primórdios do UFBA EM CAMPO e nos avanços decorrentes de sua implementação. Por fim, nas conclusões, enfatiza a importância e o pioneirismo do programa UFBA EM CAMPO/ACC, destacando a diversidade das metodologias aplicadas em seus projetos específicos como um de seus pontos positivos e que vai fortalecer, sem dúvida, a universidade como espaço da pluralidade de ideias e enfoques no ensino, na pesquisa e na extensão universitária.

Palavras-chave: UFBA EM CAMPO. Atividade Curricular em Comunidade. Extensão Universitária. Ensino. Pesquisa.

Bela Serpa
Professora aposentada da
Faculdade de Educação da
Universidade Federal da Bahia,
Ex-Coordenadora Executiva do
Programa UFBA EM CAMPO/
Atividade Curricular em
Comunidade (ACC) (1999-2005)
belaserpa@uol.com.br

Prólogo

Neste ensaio optei por apresentar minha vivência na Pró-Reitoria de Extensão e mesclá-la com alguns olhares dos que participaram desta rica experiência, em especial dos professores idealizadores do Programa UFBA EM CAMPO, mergulhando avidamente em uma nova forma de fazer Universidade.

O que aguçou inicialmente minha curiosidade em relação ao Programa foram as palavras do professor Luiz Felipe Perret Serpa, então Reitor da Universidade Federal de Bahia (UFBA), na apresentação do livro intitulado *UFBA EM CAMPO (1996-1998)* (LIMA; HEALEY, 1998):

Estudantes, em grupos, juntamente com professores se embrenharam pelo interior do Estado e pelos mais conhecidos e desconhecidos lugares de Salvador, fazendo uma Universidade que pretendeu criar novos espaços de produção e reprodução do conhecimento superando o caráter iluminista e autárquico da universidade em relação à sociedade.

Essas palavras me deram uma sensação de que, ao sair do Serviço de Seleção da UFBA, onde trabalhávamos quase que no anonimato, gostaria de viver uma Universidade mais aberta e sem amarras.

Com esses conceitos fervilhando na cabeça me perguntei: Como faria isso?

Esse fazer passou por diversos caminhos, tanto no meu pensamento quanto na minha atitude, o que pode ser visto na sequência desse texto, nem sempre em ordem cronológica, mas escrito com muita emoção.

Os diversos começos e as primeiras impressões

Um belo dia, a convite da Prof^a Ana Maria Luz, adentrei, sem muita expectativa do que iria fazer ou encontrar, a Pró-Reitoria de Extensão da UFBA (PROEXT), e me deparei com uma equipe ocupada com a finalização do livro *UFBA EM CAMPO (1996-1998)*, que reunia trabalhos e pontos de vista de cerca de 500 alunos que, ao lado de professores e monitores, procuraram deixar para trás uma Universidade fechada em si mesma e buscar, além dos muros desta Universidade, o saber das mais variadas comunidades, forçando a UFBA a desempenhar uma função social que deveria ser sua diretriz. Juntei-me a eles, o que marcou minha primeira interação com a Pró-Reitoria. É desse momento inicial a publicação “Fazer Extensão”, meu primeiro trabalho na PROEXT.

Cheguei à Pró-Reitoria de Extensão somente com a visão de uma professora que passou boa parte de sua carreira acadêmica fazendo extensão, mas desconhecendo completamente o papel de tal Pró-Reitoria. Cheguei convidada para auxiliar, como colaboradora, na organização da emissão de certificados para as mais variadas atividades de extensão das Unidades universitárias, estabelecendo uma sistemática para tal certificação e assim foi feito.

No entanto, aquela primeira imagem da alegria das pessoas dando forma final ao livro do *UFBA EM CAMPO I* não me saía da cabeça! Minha ideia sobre o UFBA EM CAMPO era bastante incipiente e aquela publicação virou para mim uma obsessão. Passei então, nas horas vagas, a estudá-la e descobri o que era e como se olhava a extensão naquela casa do Garcia – a Pró-Reitoria de Extensão da UFBA funcionava na época em uma casa localizada na Rua Leovigildo Filgueiras, no referido bairro. O UFBA EM CAMPO foi a mola mestra de uma compulsão por novos saberes e tentei vivenciar uma experiência que me pareceu inédita: a de sair dos muros da Universidade e interagir com comunidades diferenciadas, impelindo a Universidade a cumprir seu papel social.

Diante dessa provocação, pensei, às vezes ceticamente, que talvez não fosse capaz de entender esse novo conceito de Universidade, mas encarei o desafio. A minha curiosidade chegou ao ponto de abordar, às vezes de maneira inoportuna, os professores Luiz Felipe Serpa, Paulo Costa Lima e Maria Clara Melro, dentre outros, para discutir e entender essa nova Universidade. Fui também intempestiva e, às vezes, inconveniente, com a Prof^a Ana Maria Luz, antes e durante o tempo que assumi as funções de Coordenadora Executiva do Programa.

Esses professores, idealizadores do Programa, ou aqueles que o assumiram, ao fazer parte da Pró-Reitoria, procuraram explicar, com paciência e entusiasmo, como se chegou à concepção dos projetos Pulando a Fogueira e Conhecer Salvador dentro de um Programa guarda-chuva, o UFBA EM CAMPO. No contexto desses projetos, estudantes e professores se espalharam pelo interior do estado e pelos mais conhecidos e desconhecidos lugares de Salvador, pensando uma Universidade que pretendia criar novos espaços de produção e reprodução do conhecimento, bem como superar a ideia de que a Universidade se faz intramuros.

O segundo momento: um recomeço

Num impulso irresistível, me propus a trilhar esses novos caminhos, encaminhando um projeto para apreciação, pois um novo Programa se iniciava: O UFBA EM CAMPO II.

No Instituto de Física, uma de nossas casas na UFBA, tomei a iniciativa de discutir tal perspectiva com alguns colegas e, depois de idas e vindas, passamos a contar com a colaboração dos professores Artur Matos Neto, Maria Cristina Martins e Yukimi Pregnotatto. Juntos, em múltiplas reuniões, elaboramos um projeto a oito mãos: “O diagnóstico do ensino da Física na Cidade do Salvador no limiar do ano 2000”. Os resultados desse projeto específico foram apresentados em capítulo publicado na coletânea *UFBA em Campo II (1999-2001)*. (MATOS NETO et al., 2001)

Concorremos ao edital e conseguimos nos inserir nesse novo Programa. O UFBA EM CAMPO II se estruturou de forma diferente daquela utilizada no UFBA EM CAMPO I, ainda que concebido com os mesmos objetivos e pontos de vista. Houve discussão dos projetos em grupos, com professores interagindo com estudantes das mais diversas áreas do conhecimento; líderes comunitários

foram ouvidos. Após toda essa movimentação, os estudantes escreviam para os projetos nos quais pretendiam atuar e por essa via eram selecionados.

Monitores e estudantes foram selecionados e treinados. Foi um treinamento diferente do usual. Ouviu-se e discutiu-se (com) líderes comunitários, foram feitos trabalhos de grupo e atividades diversas, inclusive com a utilização de técnicas de relaxamento pelo professor Sergio Farias. O nosso Projeto selecionou os estudantes: Fábio Pena e Pedro dos Santos Filho, de Física, Laise França, de Museologia, e Mariana Protásio, de Ciências Sociais.

Um novo começo

Enquanto nos preparávamos para participar de um Programa instigante, fui desafiada, pelo Prof. Paulo Costa Lima, a assumir a coordenação executiva do UFBA EM CAMPO. E agora, o que fazer? “Entreí em parafuso”, mas aceitei o desafio de participar com um projeto e, ao mesmo tempo, coordenar um Programa com essa complexidade.

Resolvi aceitar, talvez sem pensar muito, só por entusiasmo, o desafio de continuar o projeto e, também, fazer a coordenação executiva do UFBA EM CAMPO, por considerar ser esse um Programa muito especial, que nasceu na Pró-Reitoria de Extensão e era coordenado pela própria PROEXT. No meu ponto de vista, era um Programa com metas e objetivos ambiciosos, como muitos outros em outras áreas deveriam ser, uma vez que seu objeto de trabalho seria a interação da Universidade com a sociedade, lidando, efetivamente, com o conceito de cidadania. É uma parceria num sentido amplo, uma relação intrínseca entre a sociedade e a comunidade universitária.

Aceito o desafio, tive que lidar com uma realidade ao mesmo tempo desgastante e proveitosa. Desgastante porque exigia cobranças como prazos de entrega de relatórios, prestações de contas, frequência dos estudantes; proveitosa, no sentido de propiciar diálogos acadêmicos e discussão de conceitos com professores e estudantes, o que, na maioria das vezes, gerava, paralelamente à ligação acadêmica, um vínculo afetivo muito forte entre a coordenação e os participantes do Programa.

Enfim, gerenciar o Programa nos propiciou viver uma experiência de Universidade inserida na sociedade, trabalhando

com as comunidades de uma forma integrada e ativa. Como produto final, os 26 projetos do Programa geraram artigos, relatos e relatórios que deram origem ao livro: *UFBA em Campo I I (1999-2001)*. (GUMES et al., 2001)

Posteriormente, veio o UFBA EM CAMPO III, com 46 projetos, contendo propostas das mais variadas, classificadas em áreas temáticas coordenadas por professores convidados. Juntamente com a coordenação executiva, os professores coordenadores das áreas temáticas passaram a compartilhar com a Coordenação a gestão do Programa, buscando que cada projeto mantivesse metas e objetivos comuns. O UFBA EM CAMPO III, infelizmente, não gerou, por falta de recursos, um livro com os resultados obtidos, embora tenha deixado como legado um rico acervo de relatórios, artigos (de alunos e professores) e vídeos.

A gestão de um programa complexo: um olhar crítico

Desde o início de minha atuação no programa UFBA EM CAMPO II, como coordenadora executiva, me comprometi a contribuir com a extensão universitária, fornecendo à Pró-Reitoria subsídios para que, paulatinamente, pudesse ser experimentado e vivenciado um modelo de atividade curricular que consolidasse a indissociabilidade das três funções básicas da Universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão, uma vez que essas estiveram, quase sempre, divididas e separadas na prática acadêmica.

Minha pretensão em contribuir com esse novo olhar sobre a extensão teve origem no entusiasmo dos Professores Paulo Costa Lima e Ana Maria Luz, respectivamente Pró-Reitor e Coordenadora da Extensão e, posteriormente, da Professora Maria Clara Melro, no seu retorno ao Brasil e à Pró-Reitoria de Extensão, como assessora do Pró-Reitor. Esses três professores, sempre preocupados com as relações da universidade com a comunidade, passaram a implementar novos conceitos e concepções nos UFBA EM CAMPO II e III com vistas à melhoria da prática pedagógica e, sem solução de continuidade, substituíram esse Programa de Extensão por um componente curricular: a Atividade Curricular em Comunidade (ACC). Nesse período, financiamentos de peso foram viabilizados. Cabe destacar que o Professor Manoel José de Carvalho, ao assumir

a Pró-Reitoria, não só manteve o Programa como também buscou novos recursos, quando os captados na gestão anterior começaram a minguar.

Era vital, para a continuidade de um Programa que crescia com sucesso, uma política prioritária de extensão, centrada na captação de recursos. Isso não foi feito porque outras ideias passaram a orientar os poderes instituídos, sobretudo quando passaram a ver a Atividade Curricular em Comunidade (ACC) como semelhante a tantas outras espalhadas pela UFBA, considerando-a como mais um trabalho de campo, semelhante aos muitos desenvolvidos na Universidade e não como um espaço de construção de uma Universidade democrática e comprometida com sua função social.

O ufba em campo: um programa e uma forma diferente de se fazer extensão

Apesar de não ter participado da concepção do Programa UFBA EM CAMPO I, tomei conhecimento dele através de leituras e discussões com os professores Paulo Lima, Maria Clara Melro e Luiz Felipe Serpa bem como com a Professora Ana Maria Luz, já bastante seduzida por essas práticas inovadoras, como já mencionado nesse ensaio.

Através de tais leituras e discussões me deparei e, em seguida, mergulhei, como responsável pela gestão, no universo do Programa UFBA EM CAMPO. Logo de início, achei que, apesar de seus objetivos e metas ambiciosos, era um programa factível. Tratava-se de estabelecer uma parceria, no sentido real da palavra, uma interlocução em duas vias entre a sociedade e a Universidade.

De um modo geral, o Programa veio a reforçar o conceito de uma Universidade inserida na sociedade, trabalhando com as comunidades de uma forma integrada e ativa. Desse modo, a Universidade se tornou um ambiente mais plural e democrático, podendo abrigar as mais diversas tendências e perspectivas.

Por outro lado, essas tendências e perspectivas deveriam efetivar, de fato, algo concreto em termos conceituais. Por isso, o Programa UFBA EM CAMPO foi um marco na extensão e uma marca na Universidade, já que foi a primeira vez que a Pró-Reitoria deixou de ser um órgão que praticamente só emitia certificados para assumir uma concepção do que deveria ser a extensão.

Num primeiro momento, através de minha participação no UFBA EM CAMPO II, meu olhar apontou vantagens e desvantagens; o Programa funcionou para a maioria das atividades e poucas vezes não deu certo. No entanto, penso que, em termos científicos, tentativas e erros podem gerar acertos e a interatividade pretendida ocorreu em quase todas as atividades realizadas.

Tudo que foi dito do Programa e de sua concepção foi o manancial de uma farta produção tanto de imagens quanto de textos que poderiam se constituir em uma rica fonte de pesquisa – o que muitas vezes ocorreu – tanto para a sociedade quanto para a comunidade acadêmica. No entanto, a Pró-Reitoria de Extensão não possuía condições objetivas para a guarda e a conservação desse material, de uma riqueza incalculável, que sofreria desgaste com o tempo e, por isso mesmo, tal acervo não teve a divulgação merecida.

O próprio livro, com todos os artigos/capítulos gerados pelas atividades do Programa, custou muito a sair, e, quando foi publicado, não teve a merecida divulgação. E isso ocorreu não só dentro da própria Universidade, como também, o que acho mais grave, em alguns casos com pouco retorno para algumas das comunidades parceiras.

É preciso destacar que existem relatórios riquíssimos, porém só com uma cópia impressa disponibilizada no acervo, um material de valor inestimável, que poderia servir como base para novas pesquisas – quando alguém chegava querendo ler, ou você emprestava e corria o risco de perder, ou não emprestava, pois não havia um sistema de empréstimo do material. Material este que nem sempre retornou às comunidades para com elas se rediscutir novas formas de trabalho e de interação.

Um desafio: como viabilizar a gestão do programa

O Programa UFBA EM CAMPO II tornou-se possível com o aporte de verbas da Superintendência de Apoio ao Desenvolvimento Científico (CADCT), destinado ao pagamento de bolsas para monitores e a um pequeno apoio financeiro destinado a professores, monitores e estudantes para aquisição de material de consumo, alimentação e hospedagem, viagens e deslocamentos no interior do estado da Bahia, bem como na Capital e Região Metropolitana. O CADCT se constituiu como embrião da Fundação de Amparo à

Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), norteando-se, desde o início de suas atividades, pela atuação de outras fundações estaduais de apoio à pesquisa no país. No UFBA EM CAMPO II, para cada grupo de quatro ou cinco estudantes, um era bolsista-monitor com uma carga horária de 20 horas semanais. Era esse o diferencial entre bolsista e participante, pois o bolsista teria obrigações tais como convocação de reuniões, elaboração de relatórios etc.

Nessa parceria com a CADCT (atual FAPESB) a contrapartida da UFBA se constituía exatamente no tempo e na dedicação de seus professores, na utilização dos espaços da Universidade e em algum material de consumo que o financiamento não fosse suficiente para cobrir. Inclusive, devido, em certos casos, à pequena quantia estabelecida para recursos, algumas Unidades e alguns Departamentos assumiram integralmente os custos com esse tipo de material (de consumo). Durante um semestre letivo, os professores responsáveis pelas atividades receberam R\$750,00 para projetos na Capital, incluindo a Região Metropolitana de Salvador (RMS), e R\$1.500,00 para projetos no interior do estado. Fica claro, portanto, que a própria Universidade, a Pró Reitoria, os professores, monitores, estudantes e a coordenação executiva produziram verdadeiros “milagres” e complementaram essa verba de alguma maneira, alguns utilizando seus próprios recursos.

Cabe destacar que, com a evolução do Programa para o UFBA EM CAMPO III e para a ACC, cada atividade passou a ter módulo de dez alunos e um monitor e o financiamento cresceu um pouco, ainda que permanecesse pequeno para as necessidades das atividades. A avaliação do processo de desenvolvimento de uma ACC pressupunha a articulação entre os diferentes projetos e destes com a PROEXT. Isso acontecia através de reuniões periódicas com professores, monitores e representantes das comunidades, de visitas aos trabalhos nas comunidades, assim como através da realização de eventos coletivos com todos os participantes das ACC – seminários, convescotes, exposições etc.

A avaliação de cada projeto, assim como do Programa em seu conjunto, tinha caráter processual e heurístico, visando a indicar acertos e detectar falhas e imprecisões que podiam ser corrigidas ainda no andamento dos trabalhos. A avaliação era também compartilhada e envolvia todos os partícipes da experiência – professores, monitores, estudantes matriculados, representantes comunitários –, com vistas a analisar de modo aprofundado as

implicações e consequências das experiências desenvolvidas, bem como a propor encaminhamentos e possíveis soluções para os problemas detectados.

Voltando à gestão do Programa, considero que, em termos administrativos, foi uma empreitada desafiadora e desgastante, com momentos de tensão, mas também momentos de muita alegria. O dia a dia era mesmo complicado, porque não havia de fato uma infraestrutura para se fazer tudo o que se pretendia. A rotina nem sempre era agradável, por vezes era também uma rotina de cobranças, “está na hora de mandar o relatório final”, “está na hora de mandar a frequência de estudantes, senão eles não recebem a bolsa” etc.

A Universidade não dispunha mesmo de uma boa infraestrutura. Então, cobrar uma rotina e uma sistemática de professores e alunos era, por isso mesmo, difícil, além de ter que administrar um recurso muito pequeno e retalhado, algo sempre problemático em qualquer contexto. O UFBA EM CAMPO I não teve esse tipo de problema porque funcionou de uma maneira diferente, sem financiamento e sem uma cobrança de resultados sistemáticos. Mas em relação ao UFBA EM CAMPO II, mesmo com poucos recursos, houve prestação de contas. Quem pleiteava a verba e firmava os contatos externos era o Pró-Reitor e o que cabia à coordenação executiva era o que se chama “a farofa”, “o miudinho”. E, principalmente, dar apoio aos estudantes e professores.

Para não concluir...

Na experiência do UFBA EM CAMPO assim como nos anos de Atividade Curricular em Comunidade (ACC), os momentos de diálogo e escuta de fato existiram. O diálogo com os professores nunca foi difícil, o que se deve ao fato de minha própria experiência como professora e de ter estado, antes de assumir a coordenação executiva do Programa, em diferentes lugares dentro da Universidade.

Com os alunos também não foi difícil nem complicado. Mesmo que, às vezes, tivéssemos que ouvir problemas pessoais, gente que brigou com a(o) namorada(o), problemas de doença na família etc. De fato, nesses casos as pessoas só queriam que você ouvisse, e estava claro também que o UFBA EM CAMPO II não dava conta de resolver nada disso.

Ressalvando-se o fato de que, no UFBA EM CAMPO II, as bolsas não foram viabilizadas com recursos da própria Universidade, avalio que, ainda assim, sendo bolsas para os estudantes da UFBA, a instituição usufruiu de seus dividendos, no sentido de buscar cumprir o objetivo que considero essencial, de fazer com que a interação entre a comunidade universitária e a sociedade acontecesse efetivamente.

O fato de distribuir bolsas aos monitores contribuiu para a continuidade da experiência, já que foi a primeira vez em que houve uma sistemática de bolsas regulares para atividades de extensão. Isso estimulou a participação dos estudantes, beneficiando projetos de articulação com a sociedade. Por outro lado, é claro que dependia também dos estudantes e dos próprios professores se o projeto apresentava uma maior ou menor inserção na sociedade, com resultados mais ou menos satisfatórios. Dependendo da liderança de cada projeto, os estudantes eram mais ou menos estimulados, cresciam e acreditavam mais ou menos no trabalho de extensão, contribuía ou se integravam mais ou menos com/às comunidades parceiras.

Quando eu entrei na Universidade, falava-se muito que pesquisa, ensino e extensão não podiam estar isolados, que eram indissociáveis etc. Mas a concretização disso, a formalização disso, eu nunca ou raramente presenciei. Se você trabalhava com a extensão, você era um professor à parte, esse trabalho não contava para uma série de coisas. E se você era um estudante – e isso com certeza ainda deve acontecer nos dias de hoje – que só tinha experiência com extensão, quando ia fazer uma seleção para mestrado, por exemplo, isso não contava muito, porque não era, em geral, algo formalizado. Não havia, pelo menos entre pesquisa e extensão, uma articulação maior.

Em entrevista concedida a Anuska Andreia de Souza Silva, no âmbito de sua pesquisa de mestrado, afirmei que:

A ACC é um programa em que estudantes, professores e grupos comunitários trabalham de forma multi, inter e transdisciplinar, articulando ensino, pesquisa e extensão, construindo, de forma coesa, a indissociabilidade dessas três funções. Como ensino/pesquisa a ACC (componente curricular optativo) visa à construção da cidadania do aluno, utilizando a troca de saberes com as comunidades e daí a construção coletiva de conhecimento considerando que o conhecimento pode ser um instrumento de transformação tanto para a formação da cidadania do alunado

quanto para a conscientização da comunidade parceira [...] A Atividade Curricular em Comunidade deve ser vista como uma corrente cujos elos: experiências educacionais, culturais e científicas [...] colocam o ensino e a pesquisa na UFBA voltados para o desenvolvimento da sociedade em que está imersa, o que leva à indissociabilidade entre as três funções [...] Cabe ressaltar que cada turma de ACC (módulo de 10 alunos) é constituída de, pelo menos, três cursos diferentes. (Compare: SILVA, 2007, p. 86-87)

Se não havia uma articulação maior entre extensão e pesquisa, em relação ao ensino e ao dia a dia dos estudantes também existia um problema, porque quem fazia extensão ou pesquisa era tratado pela instituição de maneira diferenciada. Por exemplo, se o estudante fazia extensão e queria contar essa atividade como crédito cursado, era obrigado a levar o certificado, um relatório e alguns outros documentos. Mas, penso que se isso fosse uma coisa realmente aceita, institucionalizada, não haveria necessidade de tanta formalidade e o aproveitamento teria um trâmite mais fácil. Ao mesmo tempo, dar uma bolsa ao estudante-monitor significava reconhecer a extensão como atividade acadêmica importante.

No UFBA EM CAMPO II, isso estava mais ou menos reconhecido e consensuado, já que os recursos para as bolsas provinham de um órgão externo. No UFBA EM CAMPO III, a própria Universidade já estava dando um aval maior, pois parte das bolsas veio de recursos da própria UFBA, com os valores mantidos, demonstrando um reconhecimento maior da Universidade a esse tipo de trabalho. Inclusive, o fato de o valor da bolsa ser o mesmo da bolsa de Iniciação Científica foi intencional, por parte da Pró-Reitoria de Extensão, justamente para mostrar que o trabalho de extensão era tão válido e importante academicamente como o de pesquisa.

Ao final deste ensaio-depoimento, gostaria de mais uma vez ressaltar que o Programa legou um material muito rico e pouco divulgado (Consultar relatórios da coordenação executiva do programa UFBA EM CAMPO/ACC entre 2001 e 2006: PROEXT, 2001, 2002a, 2002b, 2003, 2004, 2006). Material que inclui fotografias e que estava guardado em armários sem nenhum tipo de cuidado especial de conservação, à época em que estive na coordenação executiva do Programa. Além dessa questão operacional específica, creio que a divulgação desse material foi até aqui muito pequena. O próprio texto completo do Programa demorava muito a ser publicado e

depois era também pouco divulgado. Para as comunidades que foram trabalhadas, nem sempre havia retorno, nem sempre recebiam esse material. Isoladamente, alguns projetos tinham essa preocupação com as comunidades, mas não era uma sistemática promovida pela Pró-Reitoria e de fato institucionalizada.

De um modo geral, o Programa UFBA EM CAMPO/ACC buscou reforçar o conceito de uma Universidade inserida na sociedade, trabalhando com as comunidades de uma forma integrada e ativa. Isso aconteceu, com toda certeza, em muitos projetos abrigados no Programa. A diversidade das metodologias, por exemplo, deve ser enfatizada como algo que enriqueceu sobremaneira a experiência.

Vejo a Universidade como um ambiente plural, que pode e deve abrigar as mais diversas tendências. Acho que isso é muito bom e muito democrático também. Mas, é necessário que essas diversas tendências se efetivem como experiências acadêmicas concretas, vividas. Acredito que metodologias diferentes podem funcionar muito bem se integradas ao cotidiano da Universidade, e, nesse contexto, o Programa UFBA EM CAMPO/ACC buscou reforçar, sem dúvida, uma concepção de Universidade que priorizasse o trabalho conjunto com a sociedade.

From UFBA EM CAMPO to ACC: a critical approach to the program and a little nostalgia

Abstract: This essay discuss the creation of the UFBA EM CAMPO program, headed by the Dean's Office for university extra curricular activities (PROEXT) at the Universidade Federal da Bahia, and its developments for research, teaching and extra curricular activities in this university. It also reflects about the replacement of this extra curricular program for a curricular component: Atividade Curricular em Comunidade. It seeks to critically analyze the UFBA EM CAMPO program/ACC, highlighting its central role for a University's conception that prioritizes the cooperative work with society. Our argument focus on the beginning of UFBA EM CAMPO and its advancements as consequences of its implementation process. Finally, in the conclusions it will be emphasized the importance and the pioneering nature of the UFBA EM CAMPO program/ACC, highlighting the diversity of the methodologies applied in its specific projects as one of its positive points and that will undoubtedly strengthen the university as a space of the plurality of ideas and approaches in teaching, research and extra curricular activities in universities.

Keywords: UFBA EM CAMPO. Atividade Curricular em Comunidade. Extra curricular activities in universities. Teaching. Research.

De la UFBA EM CAMPO a la ACC: una mirada crítica con un toque de nostalgia

Resumen: El trabajo expone la creación del programa UFBA EM CAMPO, capitaneado por la Prorectoría de Extensión Universitaria de la Universidade Federal da Bahia, y sus desdoblamientos para la investigación, la enseñanza y la extensión en esta universidad. Así como también relata la sustitución de este programa de extensión por un componente curricular: Atividade Curricular em Comunidade (ACC). Se busca analizar de modo crítico el Programa UFBA EM CAMPO/ACC, resaltando su papel central para una concepción de Universidad que prioriza el trabajo conjunto con la sociedad, enfocándose en las orígenes de la UFBA EM CAMPO y en los adelantos alcanzados con su implantación. Por último, en las conclusiones, enfatiza la importancia y el pionerismo del programa UFBA EM CAMPO/ACC, destacando la diversidad de las metodologías aplicadas en sus proyectos específicos como uno de sus puntos positivos y que va a fortalecer sin duda la universidad como espacio de la pluralidad de ideas y enfoques en la enseñanza, en la investigación y en la extensión universitaria.

Palabras-clave: UFBA EM CAMPO. Atividade Curricular em Comunidade. Extensión Universitaria. Enseñanza. Investigación.

Referências

GUMES, Scheila Frota et al. (Org.). *UFBA EM CAMPO II (1999-2001): uma experiência de articulação ensino/pesquisa e sociedade*. Salvador: Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT): EDUFBA, 2001.

LIMA, Paulo C.; HEALEY, Paul (Ed.). *UFBA em Campo 1996-1998: uma experiência de articulação ensino/pesquisa e sociedade*. Salvador: Pró-Reitoria de Extensão da UFBA (PROEXT/UFBA), 1998.

MATOS NETO, Arthur dos et al. Diagnóstico do ensino de física na cidade do Salvador no limiar do ano 2000. In: GUMES, Scheila Frota et al. (Org.). *UFBA EM CAMPO II (1999-2001): uma experiência de articulação ensino/pesquisa e sociedade*. Salvador: Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT): EDUFBA, 2001. p. 172-186.

PROEXT. Pró-Reitoria de Extensão da UFBA. *Relatório final da Coordenação Executiva do UFBA em Campo/ACC. 2001.1*. Salvador, 2001.

PROEXT. Pró-Reitoria de Extensão da UFBA. *Relatório final da Coordenação Executiva do UFBA em Campo/ACC. 2001.2*. Salvador, 2002a.

PROEXT. Pró-Reitoria de Extensão da UFBA. *Relatório final da Coordenação Executiva do UFBA em Campo/ACC. 2002.1*. Salvador, 2002b.

PROEXT. Pró-Reitoria de Extensão da UFBA. *Relatório final do Programa ACC 2002.2/UFBA em Campo*. Salvador, 2003.

PROEXT. Pró-Reitoria de Extensão da UFBA. *ACC - Atividade Curricular em Comunidade. UFBA em campo. Avaliação do Programa em 2003.1*. Salvador, 2004.

PROEXT. Pró-Reitoria de Extensão da UFBA. *UFBA em Campo/Atividade Curricular em Comunidade. Relatório 2005.2*. Salvador, 2006.

SILVA, Anuska Andréia de Sousa. *O PROGRAMA UFBA EM CAMPO - ACC: sua contribuição na formação do estudante*. 2007. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

Submetido em: 16/01/2018.

Aceito em: 25/05/2018.